



TEATRO: criação e construção de conhecimento

### **APRESENTAÇÃO**

#### **DOSSIÊ EXPERIÊNCIAS ESTÉTICAS, ARTE E CONHECIMENTO INDÍGENA:**

Descolonizando a formação do artista-docente-pesquisador

### **PRESENTACIÓN**

#### **DOSSIER EXPERIENCIAS ESTÉTICAS, ARTE Y CONOCIMIENTO INDÍGENA:**

Descolonizando la formación del artista-profesor-investigador

### **PRESENTATION**

#### **DOSSIER AESTHETIC EXPERIENCES, ART AND INDIGENOUS KNOWLEDGE:**

Decolonizing the formation of the artist-teacher-researcher

*Ana Carolina Fialho de Abreu*<sup>1</sup>  
Universidade Federal da Bahia  
anacarolinaabreu1886@gmail.com  
ORCID: 0000-0002-5881-406

---

<sup>1</sup> Doutora em Artes Cênicas pela Universidade Federal da Bahia, com cotutela em Antropologia pela Universidad Nacional Mayor de San Marcos, Peru.

*Doctora en Artes Escénicas por la Universidad Federal de Bahía, Brasil, con cotutela en Antropología por la Universidad Nacional Mayor de San Marcos, Perú.*

---

ABREU, Ana Carolina Fialho de. Dossiê Experiências Estéticas, Arte e Conhecimento Indígena: Descolonizando a formação do artista-docente-pesquisador. *Teatro: criação e construção de conhecimento*, V. 8, N. 1 e 2, p. 1-11, 2020.

Organização de Dossiê: Prof. Dra. Ana Carolina Fialho de Abreu

Editor-Chefe: Prof. Dr. Juliano Casimiro de Camargo Sampaio

ISSN: 2357-710X

Laboratório de Pesquisa e Extensão em Composição Poética Cênica, Narratividade e Construção de Conhecimento (CONAC)  
Universidade Federal do Tocantins (UFT)



TEATRO: criação e construção de conhecimento

## APRESENTAÇÃO DO DOSSIÊ EM PORTUGUÊS

Quando fui convidada à propositura deste dossiê, que se nutriu da tarefa político-acadêmica desafiadora de pensar a descolonização da formação do/a artista-docente-pesquisador/a, *desde/com* os conhecimentos indígenas, não imaginei que no momento de seu lançamento estaríamos perdendo milhares de vidas pela pandemia do Covid-19.

A pandemia de coronavírus se espalhou pela América Latina. Somos o novo epicentro da doença. Morrer de fome ou pelo vírus é uma realidade indiscutível. Não tem como escondê-la. Não podem ficar em casa os/as que não têm o que comer. A pandemia vem mostrando nossas profundas desigualdades.

Quando falamos de povos indígenas, andinos, quilombolas, faz-se necessário constar os problemas relacionados às políticas de atenção à saúde para esses povos, a falta de recursos financeiros, os duros ataques aos seus direitos constitucionais e a atual intensificação de invasões, queimadas e assassinatos por parte de grileiros, madeireiros, fazendeiros, desmatadores e mineradoras (legais e ilegais).

Ao seguir as trilhas que os/as guiarão pelas narrativas compartilhadas nesses artigos, será possível observar a intensa forma coletiva de conviver desses povos, muitas das vezes com casas coletivas e espaços comunais. A própria dinâmica dos rituais e festas, os/as deixam ainda mais vulneráveis. Uma contaminação poderá significar uma hecatombe que nos remeterá a fatos já ocorridos em nossa história, como nos lembra Ailton Krenak (2019) em *Ideias para adiar o fim do mundo*.

Desde os/as artistas, a incessante frase “fomos os primeiros a parar e seremos os últimos a retornar” revela o fechamento dos espaços cênicos e do cancelamento das

apresentações presenciais de Teatro, Dança, Música, Circo, Ópera, dos Teatros de Rua, Performances, Intervenções Artísticas, etc. Os/as profissionais das Artes encontram-se, especialmente na América Latina, desassistidos por seus governos.

Aos/às professores/as e pesquisadores/as, resta suportar a sentença: “os/as estudantes não terão classes presenciais esse ano, serão todas *on-line*”. Milhares de estudantes não têm computador, não têm luz elétrica, internet e mesmo se tivessem os/as educadores/as não têm formação necessária para dar aulas *on-line*.

Os trabalhos aqui compartilhados, escritos com esmero durante esse período genocida, frente à maneira com que nossos governantes têm tratado a pandemia, são exatamente de artistas e/ou docentes e/ou pesquisadores/as. Surgiram do que hoje somos privados: os encontros. Partem de viagens curiosas de nossos corpos/espíritos, em pausa ou em movimento, ao encontro de outros corpos, mundos de visões, distintos e plurais. Vale ressaltar que aqui o corpo é pensado enquanto construção de conhecimento, de percepções de mundos, de descobertas e criação de significados.

Corpos aliados e conscientes, corpos-mensageiros que denunciam as atuais lutas sociais dos povos indígenas através de práticas artísticas, nossas e de outros grupos, de metodologias, pedagogias e pesquisa-ação. Corpos que falam não *sobre* os/as indígenas, mas *com* os/as atores e atrizes sociais de diversas culturas, autores/as de suas próprias histórias.

Corpos-bússola que aprenderam com outros corpos por vibração, pelo deixar-se afetar a ponto de absorver no corpo, para dar passagem às intensidades que percorreram o corpo no encontro com outros corpos (Rolnik, 2005). O que os/as autores/as plurais e diversos/as desse dossiê têm em comum? Sem sombra de dúvidas, ambos/as objetivam

ABREU, Ana Carolina Fialho de. Dossiê Experiências Estéticas, Arte e Conhecimento Indígena: Descolonizando a formação do artista-docente-pesquisador. *Teatro: criação e construção de conhecimento*, V. 8, N. 1 e 2, p. 1-11, 2020.

Organização de Dossiê: Prof. Dra. Ana Carolina Fialho de Abreu  
Editor-Chefe: Prof. Dr. Juliano Casimiro de Camargo Sampaio  
ISSN: 2357-710X

Laboratório de Pesquisa e Extensão em Composição Poética Cênica, Narratividade e Construção de Conhecimento (CONAC)  
Universidade Federal do Tocantins (UFT)



## TEATRO: criação e construção de conhecimento

a descolonização não apenas dos pensamentos, reflexões e ideias, mas das práticas, movimentos, gestos, olhares, da língua com que nominamos o mundo, da escrita hegemônica, padronizada e eurocêntrica que nos foi ensinada, das estruturas rígidas de poder, que nos arrebatam (dentro) e nos rodeiam (fora), da nossa maneira de aprender-ensinar, pesquisar, de atuar na cena e/ou na sala de aula (Cusicanqui, 2016).

Assim, o presente dossiê é composto por 15 artigos, dividido por três caminhos. Temos professores/as, antropólogos/as, artistas, pesquisadores/as do Brasil, Peru, Colômbia e Chile. Temos a presença de diversos povos como os Quechua, os Murui-Muina, os Apinayé, os Javaé, os Guarani Mbya, os *Mêhĩ* (Krahô) e tantos outros do estado de Rondônia. Bem como intervenções urbanas em vários países de Abya Yala e de práticas cênicas de grupos culturais como o Yuyachkani (Peru) e o Terreiros do Riso (Brasil).

Para abrir os caminhos, encontra-se uma entrevista com o antropólogo e professor peruano, Dr. Rodrigo Montoya Rojas, realizada por mim, artista e professora brasileira, Dra. Ana Carolina Fialho de Abreu, organizadora deste dossiê. Montoya é professor emérito da *Universidad Nacional Mayor de San Marcos*, Peru. Nasceu nos Andes, no *ayllu* de Qollanas em Puquio, onde acontece a *Sequia Tusuy* (Festa da Água), uma das mais importantes festas do calendário andino, descrita por ele na entrevista, dentre outros temas.

Em *Voz para quem já diz, corpo para quem já dança: contra-colonialismos no trabalho pedagógico do Grupo Cultural Yuyachkani*, a artista e doutoranda Ana Julia Marko revela, a partir de uma pedagogia que samba, de desaprendizagens epistemológicas e de uma encruzilhada do teatro, o embate do grupo Yuyachkani com as cosmogonias, com as formas de habitar o mundo, de acordo com as

culturas, os saberes e corpos dos homens e mulheres dos Andes.

Paola Lopes Zamariola, artista e doutoranda, em seu artigo *Festa de Paucartambo: danças e cantos das teatralidades andinas* descreve, também a partir de imagens, as pontes entre as culturas andinas e amazônicas do Peru. Bem como a estrutura, o desenrolar e os princípios da festa em homenagem à Virgem Carmen, sua chegada ao povoado e como as manifestações culturais, festivas e rituais andinas influenciam a poética do Grupo Cultural Yuyachkani.

No artigo *Esquemas dimensionales: propuesta pedagógica subversiva y de(s)colonial*, a artista cênica colombiana, Dra. María Fernanda Sarmiento Bonilla evidencia através de seus laboratórios teatrais, da realização de práticas cênicas em espaços públicos de onze cidades de Abya Yala (com profissionais e estudantes de teatro), que os processos de aprendizagem das Artes Cênicas necessitam assumir sua territorialidade, reconhecer seu pertencimento e incorporar tanto os universos cosmogônicos, filosóficos e epistemológicos, como toda uma história de lutas, resistências, dores, massacres, discriminações e silenciamentos que constituem nosso continente.

Para encerrar essa trilha com riso e crítica, em *Para morir de la risa: la risa sardónica de Cerdeña, a partir de la planta sardonía para sacrificar a los ancianos*, o mestre bufão chileno, Dr. Andrés Del Bosque, propõe uma montagem cênica que tenciona passado, presente e futuro: o rito dos sardos que bebendo o *apium risum* executavam a pauladas, entre risos, os seus velhos e velhas (primitiva eutanásia). A montagem se passa em um asilo nos tempos atuais, onde jovens buscam um final para as vidas inconclusas de velhos/as. Encontra-se também uma crítica sobre o enfrentamento à pandemia do novo coronavírus e ao Fundo Monetário Internacional, que afirma que os velhos/as

ABREU, Ana Carolina Fialho de. Dossiê Experiências Estéticas, Arte e Conhecimento Indígena: Descolonizando a formação do artista-docente-pesquisador. *Teatro: criação e construção de conhecimento*, V. 8, N. 1 e 2, p. 1-11, 2020.

Organização de Dossiê: Prof. Dra. Ana Carolina Fialho de Abreu  
Editor-Chefe: Prof. Dr. Juliano Casimiro de Camargo Sampaio  
ISSN: 2357-710X

Laboratório de Pesquisa e Extensão em Composição Poética Cênica, Narratividade e Construção de Conhecimento (CONAC)  
Universidade Federal do Tocantins (UFT)



vivem mais do que o esperado, afetando com isso a economia global.

A próxima jornada conta com cinco artigos, o primeiro texto *De la experiencia, los sueños, la escritura y la creación: aprender bailes Murui-Muina en Leticia y las posibilidades del cuerpo en movimiento* é de autoria da dançarina, antropóloga e doutoranda colombiana, Daniela Botero Marulanda. Os bailes, acontecimentos festivos e expressivos que não se limitam apenas ao momento de celebração desse povo, servem de ponto de partida para a construção de dispositivos de experimentação em suas aulas e caminhos de criação artística em seus processos criativos.

A doutoranda em Letras e professora do IFTO/Campus Gurupi, Solange Cavalcante de Matos e o professor do curso de Letras da UFT (graduação e pós graduação), também coordenador do importante Laboratório de Línguas Indígenas - LALI, da mesma universidade, Dr. Francisco Edviges Albuquerque, em artigo intitulado: *Quem são e como vivem os Javaé da Ilha do Bananal- um breve passeio pela arte e cultura, língua, organização social e modos de subsistência desse povo Iny*, fazem uma descrição e reflexão com esse povo indígena, localizado no Tocantins, Brasil. Trata-se de sua origem mitológica, pinturas corporais, fabricação de adereços, utensílios, economia e sua atual luta social.

No artigo *Mitodrama: a Amazônia é o palco - Processos de Ensino - Aprendizagem de Teatro com indígenas de Rondônia*, o artista e professor da UNIR, Dr. José Maria Lopes Júnior discorre sobre as aulas de Artes ministradas no Projeto Açai II, curso de formação de professores indígenas de Rondônia. Trata-se de uma proposta metodológica, construída através do diálogo entre as narrativas de autoria indígena e os processos de ensino e aprendizagem de Teatro.

A doutoranda Simara Sousa Muniz da UNITINS, a pós-doutoranda Severina Alves de Almeida Sissi da FACIT e o Dr. Francisco Edviges Albuquerque da UFT, no artigo *Educação e Arte Apinayé como possibilidade para uma estética decolonial: um estudo na perspectiva da mediação (inter) cultural* compartilham estudos realizados com esse povo indígena, localizado no Bico do Papagaio, Tocantins, Brasil. Trata-se, dentre outros aspectos, de revelar a Educação desses indígenas nas categorias Educação Indígena e Educação Escolar e seus desafios/lutas sociais atuais.

Para encerrar esse grupo de artigos, em *Relatos: Arte-Vida, confluências e cosmologias afro-indígenas periféricas - Educação, cultura vida e rezos*, a artista do riso, atriz, palhaça e educadora Vanessa Rosa de Araujo, compartilha a criação de nove relatos, espiralares, a partir de suas experiências e estudos que transitam pelas suas memórias de infância, pela prática educacional desenvolvida pelo povo Guarani Mbya no Centro de Educação e Cultura Indígena Tenondé Porã e pela criação artística, estética cômica, afro-orientada e afro-indígena desenvolvida no Terreiros do Riso, em São Paulo, Brasil.

O próximo bloco de artigos conduzirá o/a leitor/a por trilhas plurais que vão de encontro ao povo *Mêhĩ* (Krahô), localizado no estado do Tocantins, Brasil. Para abrir os caminhos, em *Cultura, língua e a manutenção da identidade do povo Krahô no Tocantins*, a doutoranda Marta Virginia de Araújo Batista da UFT e o professor Dr. Francisco Edviges Albuquerque dessa mesma universidade, apresentam a sociedade Krahô, sua língua, cultura, identidade, história, atual luta social e as consequências do contato desse povo com a sociedade brasileira.

No artigo escrito por mim e pelo mestrando da UFOP, Francisco Laécio de Holanda, intitulado: *Entre hàcti, hõxwa e carĩre: aprendendo jogos e brincadeiras com as*



## TEATRO: criação e construção de conhecimento

*crianças Mêhĩ (Krahô)*, são compartilhados brinquedos, brincadeiras, jogos e a atual realidade do povo indígena Krahô diante da pandemia do novo coronavírus. Trata-se de fazer a presença das práticas corporais e dos contextos históricos e sociais indígenas para produzir ações de resistência na nossa educação e aulas de Artes.

A Dra. Alba Pedreira Vieira, professora de Dança da UFV, em *Trocas in-ex-corporadas em Artes: uma proposta que abraça formas de conhecimento do corpo e de povos indígenas* compartilha uma proposta metodológica criada a partir de experiências educacionais vividas com outros professores de Dança e com os Krahô. Trata-se de uma abordagem que também pode ser adotada na formação teatral para que se valorizem os conhecimentos do corpo, as experiências estéticas, as Artes e os saberes indígenas.

Em *O casamento como lugar comum de dramaturgias entre hõxwa e palhaças*, o antropólogo, mestre em Antropologia Social, Maurício Caetano da Silva apresenta dois momentos em que *hõxwa* e palhaças interagem. Para o autor, resguardando as particularidades de cada contexto, essas interações são dramaturgias presentes na circulação de conhecimentos na aldeia, no ritual e no palco, onde o casamento é um ponto em comum entre elas.

Para encerrar, o palhaço e artista, Dr. Demian Reis apresenta: *Eu e Ahprak, distâncias e aproximações – relato fotográfico de um artista pesquisador*. Trata-se de um relato a partir de diversas experiências revisitadas pelo autor com o *hõxwa* Ismael Ahprak Krahô. Nesse exercício da memória, também fazem presença reflexões e críticas sobre a interação dos não indígenas com os indígenas e sobre os ataques que esses povos vêm sofrendo, inclusive por parte do governo atual.

Ao final, para deixar abertos os caminhos, é importante refletir sobre alguns

desdobramentos, novas trilhas, em suma, da presença cada vez mais intensa de indígenas (homens e mulheres) de diferentes povos, nos meios acadêmicos. Como afirmam Demarchi, Melo e Morais (2019), as interações com esses povos nas universidades mostram que as revistas científicas ainda são inacessíveis aos pesquisadores/as indígenas e não é por “falta de produção qualificada”, muito pelo contrário.

Assim como fazem os autores citados, nós, autores/as deste dossiê temos acompanhado a produção acadêmica de diversos indígenas. Finalizamos, portanto, fazendo a presença de alguns nomes de atores e atrizes sociais, indígenas dos povos Jê no Brasil Central e acadêmicos, para que você, leitor/a possa buscar por esses trabalhos: dissertação de Renato Yahé Krahô (2017); dissertação de Creuza Prumkwyj Krahô (2017); o trabalho de José Hãni Karajá (2015), os artigos de Cassiano Apinajé (2017; 2018a; 2018b, 2019); a dissertação de Júlio Kamêr Apinajé Ribeiro (2019); a pesquisa de Samantha Ro’otsitna de Carvalho Juruna (2013); o mestrado de Ercivaldo Damsõkekwa Xerente (2016), a dissertação de Letícia Jõkãhkwyj Krahô (2016) os trabalhos de Cawê Deylane (2018) de João Kwanhã Xerente (2020), de Fábio Ubre’a Abdzu (2020), de Valcir Sumekkwa Xerente (2020) e de Edimar Srênõkrã Calixto Xerente (2017).

### APRESENTAÇÃO DO DOSSIÊ EM ESPANHOL

Quando me invitaron a presentar este dossier, que se nutrió de la desafiante tarea político-académica de pensar la descolonización de la formación del artista-profesor-investigador, *desde/con* los conocimientos indígenas, no imaginé que en el momento de su lanzamiento estaríamos perdiendo miles de vidas debido a la pandemia del Covid-19.

La pandemia del coronavirus se ha extendido por América Latina. Somos el nuevo

ABREU, Ana Carolina Fialho de. Dossiê Experiências Estéticas, Arte e Conhecimento Indígena: Descolonizando a formação do artista-docente-pesquisador. *Teatro: criação e construção de conhecimento*, V. 8, N. 1 e 2, p. 1-11, 2020.

Organização de Dossiê: Prof. Dra. Ana Carolina Fialho de Abreu  
Editor-Chefe: Prof. Dr. Juliano Casimiro de Camargo Sampaio  
ISSN: 2357-710X

Laboratório de Pesquisa e Extensão em Composição Poética Cênica, Narratividade e Construção de Conhecimento (CONAC)  
Universidade Federal do Tocantins (UFT)



## TEATRO: criação e construção de conhecimento

epicentro de la enfermedad. Morirse de hambre o por el virus es una realidad indiscutible, no hay forma de ocultarlo. Quienes no tienen nada para comer, no pueden quedarse en casa. La pandemia está evidenciando nuestras profundas desigualdades.

Cuando hablamos de pueblos indígenas, andinos, quilombolas, es necesario mencionar los problemas relacionados con las políticas de salud para estos pueblos, la falta de recursos financieros, los duros ataques a sus derechos constitucionales y la actual intensificación de invasiones, incendios y asesinatos por parte de acaparadores de tierras, madereros, terratenientes, deforestadores y compañías mineras (legales e ilegales).

Siguiendo los caminos que los guiarán a través de las narrativas compartidas en estos artículos, será posible observar la intensa forma de vida colectiva de estos pueblos, a menudo con casas colectivas y espacios comunales. La dinámica misma de los rituales y fiestas, todavía los dejan más vulnerables. Una contaminación podría significar una catástrofe que nos llevará de vuelta a los hechos que ya han ocurrido en nuestra historia, como Ailton Krenak (2019) nos recuerda en *Ideas para posponer el fin del mundo*.

Desde los artistas, la frase incesante "fuimos los primeros en parar y seremos los últimos en regresar" revela el cierre de los espacios escénicos y la cancelación de las presentaciones in situ de Teatro, Danza, Música, Circo, Ópera, Teatros Callejeros, Performances, Intervenciones Artísticas, etc. Los profesionales de las Artes, especialmente en América Latina, no cuentan con la asistencia de sus gobiernos.

A los profesores/as e investigadores/as, les resta únicamente soportar la sentencia: "Los alumnos no tendrán clases presenciales en lo que queda del año, serán todas *on line*".

Hay miles de estudiantes que no tienen laptops, electricidad e incluso si tuvieran, los profesores no disponen del entrenamiento necesario para dar clases *on line*.

Los trabajos compartidos aquí, escritos con esmero durante este período genocida, frente a la forma en que nuestros gobernantes han manejado la pandemia, son justamente de artistas y/o profesores/as y/o investigadores/as. Surgieron de lo que ahora estamos privados: encuentros. Parten de curiosos viajes de nuestros cuerpos/esíritus, en pausa o en movimiento, para encontrarse con otros cuerpos, mundos de visiones diferentes y plurales. Vale la pena mencionar que aquí se piensa el cuerpo como una construcción de conocimiento, de percepciones de mundos, de descubrimientos y creación de significados.

Cuerpos aliados y conscientes, cuerpos-mensajeros que denuncian las luchas sociales actuales de los pueblos indígenas, a través de prácticas artísticas, nuestras y de otros grupos, de metodologías, pedagogías e investigación-acción. Cuerpos que no hablan *de* pueblos indígenas, sino *con* actores sociales y actrices de diferentes culturas, autores/as de sus propias historias.

Cuerpos-brújula que han aprendido de otros cuerpos por la vibración, al permitirse ser afectados hasta el punto de ser absorbidos por el cuerpo, para dar paso a las intensidades que atravesaron el cuerpo en el encuentro con otros cuerpos (Rolnik, 2005). ¿Qué tienen en común los/as autores/as plurales y diversos de este dossier? Sin lugar a dudas, ambos apuntan a descolonizar no solo los pensamientos, reflexiones e ideas, sino también las prácticas, movimientos, gestos, miradas, el lenguaje con el que nombramos el mundo, la escritura estandarizada y eurocéntrica que nos enseñaron, el estructuras rígidas de poder que nos llevan (adentro) y nos rodean (afuera), en nuestra forma de aprender-enseñar, investigar, actuar



en la escena y / o en el aula (Cusicanqui, 2016).

Por lo tanto, el presente expediente consta de 15 artículos, divididos en tres caminos. Contamos con profesores/as, antropólogos/as, artistas, investigadores/as de Brasil, Perú, Chile y Colombia. Contamos con la presencia de diversos pueblos como el Quechua, el Murui-Muina, el Apinayé, el Javaé, el Guaraní Mbya, el Mēhī (Krahô) y tantos otros en el estado de Rondônia. Además de intervenciones urbanas en varios países de Abya Yala y prácticas escénicas de grupos culturales como Yuyachkani (Perú) y Terreiros do Riso (Brasil).

Para abrir el camino, hay una entrevista con el antropólogo y profesor peruano, Dr. Rodrigo Montoya Rojas, realizada por mí, artista y profesora brasileña, Dra. Ana Carolina Fialho de Abreu. Montoya es profesor emérito de la Universidad Nacional Mayor de San Marcos, Perú. Nacido en los Andes, en el *ayllu* de Qollanas en Puquio, donde se celebra el *Sequia Tusuy* (Fiesta del Agua), uno de los rituales más importantes del calendario andino, descrito por él en la entrevista, entre otros temas.

En, *Voz para quem já diz, corpo para quem já dança: contra-colonialismos no trabalho pedagógico do Grupo Cultural Yuyachkani*, la artista y estudiante de doctorado Ana Julia Marko revela, basada en una pedagogía del samba, un desaprendizaje epistemológico y una encrucijada del teatro, el embate del grupo Yuyachkani con las cosmogonías, con las formas de habitar el mundo de acuerdo con la cultura, los saberes y los cuerpos de los hombres y mujeres de los Andes.

Paola Lopes Zamariola, artista y estudiante de doctorado, en su artículo *Festa de Paucartambo: danças e cantos das teatralidades andinas*, describe a partir de imágenes, los puentes entre las culturas andina y amazónica del Perú. Bien como la estructura, el desenvolvimiento y principios

de la fiesta en honor de la Virgen del Carmen, su llegada al pueblo donde tiene lugar la fiesta y cómo las manifestaciones culturales, festividades y rituales andinos influyen en la poética del Grupo Cultural Yuyachkani.

En el artículo *Esquemas dimensionales: proposta pedagógica subversiva y de(s)colonial*, la artista escénica colombiana, Dra. María Fernanda Sarmiento Bonilla muestra, a través de sus laboratorios teatrales, de la realización de prácticas escénicas en espacios públicos en once ciudades de Abya Yala, con profesionales y estudiantes de teatro, que los procesos de aprendizaje de las Artes Escénicas deben asumir su territorialidad, reconocer su pertenencia e incorporar universos cosmogónicos, filosóficos y epistemológicos, así como toda una historia de luchas, resistencias, dolores, masacres, discriminación y silencios que constituyen nuestro continente.

Para finalizar este camino con risa y crítica, en *Para morrer de la risa: la risa sardónica de Cerdeña, a partir de la planta sardonía para sacrificar a los ancianos*, el maestro bufón chileno, Dr. Andrés Del Bosque, propone un montaje escénico que tensiona el pasado, presente y futuro: el rito de los sardos que, después de beber *apium risum*, mataban de una paliza, entre risas, a sus viejos y viejas (eutanasia primitiva). El montaje se lleva a cabo en un asilo en los tiempos actuales, donde los jóvenes buscan un fin para las vidas inacabadas de las personas mayores. También se encuentra una crítica ante la pandemia del nuevo coronavirus y el Fondo Monetario Internacional que afirma que las personas mayores viven más de lo esperado, lo cual afecta la economía global.

En seguida, encontraremos un grupo de cinco artículos, el primer texto, *De la experiencia, los sueños, la escritura y la creación: aprender bailes Murui-Muina en Leticia y las posibilidades del cuerpo en movimiento*, es de la bailarina, antropóloga y

ABREU, Ana Carolina Fialho de. Dossiê Experiências Estéticas, Arte e Conhecimento Indígena: Descolonizando a formação do artista-docente-pesquisador. *Teatro: criação e construção de conhecimento*, V. 8, N. 1 e 2, p. 1-11, 2020.

Organização de Dossiê: Prof. Dra. Ana Carolina Fialho de Abreu  
Editor-Chefe: Prof. Dr. Juliano Casimiro de Camargo Sampaio  
ISSN: 2357-710X

Laboratório de Pesquisa e Extensão em Composição Poética Cênica, Narratividade e Construção de Conhecimento (CONAC)  
Universidade Federal do Tocantins (UFT)



## TEATRO: criação e construção de conhecimento

estudiante de doctorado colombiana Daniela Botero Marulanda. Los bailes, eventos festivos y expresivos que no se limitan apenas al momento de la celebración de ese pueblo, sirven como punto de partida para la construcción de dispositivos de experimentación en sus clases y caminos de creación artística en sus procesos creativos.

La estudiante de doctorado en Letras y profesora del IFTO/Campus Gurupi, Solange Cavalcante de Matos y el profesor del curso de Letras de la UFT (grado y posgrado), también coordinador del importante Laboratorio de Lenguas Indígenas - LALI, de la misma universidad, el Dr. Francisco Edviges Albuquerque, en su artículo titulado: *Quem são e como vivem os Javaé da Ilha do Bananal - um breve passeio pela arte e cultura, língua, organização social e modos de subsistência desse povo Inyã*, describen y reflexionan con este pueblo indígena, ubicado en Tocantins, Brasil. Se trata su origen mitológico, pinturas corporales, fabricación de accesorios, utensilios, economía y su lucha social actual.

En el artículo *Mitodrama: a Amazônia é o palco - Processos de Ensino - Aprendizagem de Teatro com indígenas de Rondônia*, el artista y profesor de la UNIR, el Dr. José Maria Lopes Júnior habla sobre las clases de Artes impartidas en el Proyecto Açaí II, un curso de formación de profesores indígenas de Rondônia. Se trata de una propuesta metodológica, construida a través del diálogo entre las narrativas de autoría indígena y los procesos de enseñanza y aprendizaje del teatro.

La estudiante de doctorado Simara Sousa Muniz de la UNITINS, la post-doctora Severina Alves de Almeida Sissi de la FACIT y el Dr. Francisco Edviges Albuquerque de la UFT, en el artículo *Educação e Arte Apinayé como possibilidade para uma estética decolonial: um estudo na perspectiva da mediação (inter) cultural*, comparten estudios realizados con ese pueblo indígena, ubicado en Bico do Papagaio, Tocantins, Brasil. Se trata, entre

otros aspectos, de revelar la educación de estos pueblos indígenas en las categorías de Educación Indígena y Educación Escolar y sus desafíos/luchas sociales actuales.

Para cerrar este grupo de artículos, en *Relatos: Arte-Vida, confluências e cosmologias afro-indígenas periféricas - Educação, cultura vida e rezos*, la artista de la risa, actriz, payasa y educadora Vanessa Rosa de Araujo comparte la creación de nueve relatos espiralados, a partir de sus experiencias y estudios que transitan por sus recuerdos de la infancia, por la práctica educativa desarrollada por el pueblo Guarani Mbya en el Centro de Educación y Cultura Indígena Tenondé Porã y a través de la creación artística, estética cómica, afro-orientada y afro-indígena en *Terreiros do Riso*, en São Paulo, Brasil.

El siguiente grupo de artículos guiará al/a la lector/a a través de senderos plurales que se encuentran con el pueblo Mẽhĩ (Krahô), ubicado en el estado de Tocantins, Brasil. Para abrir los caminos, en *Cultura, língua e a manutenção da identidade do povo Krahô no Tocantins*, la estudiante de doctorado Marta Virginia de Araújo Batista de la UFT y el profesor Dr. Francisco Edviges Albuquerque de la misma universidad, presentan la sociedad Krahô, su idioma, cultura, identidad, historia, lucha social actual y las consecuencias del contacto de ese pueblo con la sociedad brasileña.

En el artículo escrito por mí y el artista Francisco Laécio de Holanda, titulado: *Entre hãcti, hõxwa e carire: aprendendo jogos e brincadeiras com as crianças Mẽhĩ (Krahô)*, son compartidos juguetes, bromas y juegos del pueblo Krahô y la realidad actual de ese pueblo ante la nueva pandemia de coronavirus. Se trata de hacer la presencia de estas prácticas corporales indígenas y los contextos históricos y sociales para que se produzcan acciones de resistencia en nuestra educación y clases de Artes.



## TEATRO: criação e construção de conhecimento

La Dra. Alba Pedreira Vieira, profesora de danza de la UFV, en *Trocas in-ex-corporadas em Artes: uma proposta que abraça formas de conhecimento do corpo e de povos indígenas* comparte una propuesta metodológica creada a partir de experiencias educativas vividas con otros profesores de Danza y con los Krahô. Expone un abordaje que se puede adoptar en la formación teatral para que se valoren los conocimientos corporales, las experiencias estéticas, las Artes y los saberes indígenas.

En *O casamento como lugar comum de dramaturgias entre hôxwa e palhaças*, el antropólogo y máster en Antropología Social, Maurício Caetano da Silva presenta dos momentos en los que *hôxwa* y payasas interactúan. Para el autor, salvaguardando las particularidades de cada contexto, estas interacciones son dramaturgias presentes en la circulación del conocimiento en la aldea, en el ritual y en el escenario, donde el matrimonio es un punto común entre ellos.

Para terminar, el payaso y artista, Dr. Demian Reis apresenta: *Eu e Ahprak, distâncias e aproximações – relato fotográfico de um artista pesquisador*. Se trata de un relato basado en varias experiencias revisadas por el autor con el *hôxwa* Ismael Ahprak Krahô. En este ejercicio de memoria, también están presentes reflexiones y críticas sobre la interacción de los no indígenas con los indígenas y sobre los ataques que han sufrido estos pueblos, inclusive por parte del gobierno actual.

Al final, para dejar los caminos abiertos, es importante reflejar sobre nuevos senderos, de la presencia cada vez más intensa de hombres y mujeres indígenas, de diferentes pueblos, en círculos académicos. Según lo declarado por Demarchi, Melo y Morais (2019), las interacciones con estos pueblos en las universidades muestran que las revistas científicas aún son inaccesibles para los investigadores indígenas y no se debe a la

"falta de producción calificada", muy por el contrario.

Como lo hacen los autores mencionados, nosotros, autores/as de este dossier hemos acompañado la producción académica de varios indígenas. Finalizamos, por lo tanto, con la mención de algunos nombres de actores y actrices sociales, indígenas de los pueblos Jê en el centro de Brasil y académicos, para que usted, lector/a, pueda leer sus producciones: disertación de Renato Yahé Krahô (2017); disertación de Creuza Prumkwyj Krahô (2017); el trabajo de José Humni Karajá (2015), los artículos de Cassiano Apinajé (2017; 2018a; 2018b, 2019); la disertación de Júlio Kamêr Apinajé Ribeiro (2019); la investigación de Samantha Ro'otsitna de Carvalho Juruna (2013); la maestría de Ercivaldo Damsôkekwa Xerente (2016), la disertación de Letícia Jôkâhkwyj Krahô (2016) las obras de Cawê Deylane (2018) de João Kwanhâ Xerente (2020), de Fábio Ubre'a Abdzu (2020), de Valcir Sumekkwá Xerente (2020) 2020) y Edimar Srênôkrâ Calixto Xerente (2017).

*Recebido em: agosto/2020*

*Aprovado em: dezembro/2020*

*Publicado em: março/2021 (referente ao volume de 2020)*



TEATRO: criação e construção de conhecimento

## REFERÊNCIA

- ABDZU, Fábio Ubre'a (2020). *"Podem quebrar o maracá, mas não vão quebrar nossa tradição": Datsimazébré, ritual Xavante de iniciação dos danhohui'wa e dos wapté*. Dissertação (Mestrado). Antropologia, Universidade Federal de Goiás.
- APINAGÉ, Cassiano Sotero (2017). *Escola, meio ambiente e conhecimentos: formas de ensinar e aprender na teoria e na prática entre os Apinajé*. Dissertação (Mestrado). Ciências do Ambiente, Universidade Federal do Tocantins.
- APINAGÉ, Cassiano Sotero; GIRALDIN, Odair (2018a). *As tradições orais já não bastam: a pesquisa como estratégia de preservação*. Revista Pós-Ciências Sociais, 15(29): 129-155.
- APINAGÉ, Cassiano Sotero; GIRALDIN, Odair (2018b). *As narrativas e histórias das redes de relações dos Apinajé com outros povos*. In: M. do S. Pimentel da Silva&Lorena Souza (orgs.), *Diálogos Interculturais: reflexões docentes*. Goiânia: Imprensa Universitária pp. 19-31.
- APINAGÉ, Cassiano Sotero; GIRALDIN, Odair (2019). *Perspectivas históricas sob a perspectiva dos Apinajé*. TELLUS, 19(38): 237-288.
- CAWÊ, Deylane Barros Pereira Pinto (2018). *As transformações históricas no ritual Ruurut: aspectos etnográficos do cerimonial de iniciação de jovens indígenas Pyhcop?catiji / Gavião*. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História). Universidade Federal do Tocantins.
- CUSICANQUI, Rivera Silvia (2016). *Una reflexión sobre prácticas CH'IXINAKAX UTXIWA y discursos descolonizadores*. Lima: La Plaza Editores.
- DANSÔKEKWA XERENTE, Ercivaldo (2016) . *Processos de educação akwê e os direitos indígenas a uma educação diferenciada: práticas educativas tradicionais e suas relações com a prática escolar*. Dissertação (Mestrado Interdisciplinar). Direitos Humanos, Universidade Federal de Goiás.
- DEMARCHI, André; MELO, Maycon; MORAIS, Odair (org) (2019). Dossiê Outras imagens do pensamento para a etnologia dos povos Jê do Brasil. *Revista de Antropologia da UFSCAR*. V11, nº2.
- JÔKÀHKWYJ KRAHÔ, Leticia (2016). *Pjê ita jê kâm mã itê ampô kwy jakrepej: das possibilidades das narrativas na educação escolar do povo Krahô*. Dissertação (Mestrado). Antropologia, Universidade Federal de Goiás.
- JURUNA, Samantha Ro'otsitsina de Carvalho (2013a). *Sabedoria Ancestral e Movimento: perspectivas para a sustentabilidade*. Dissertação (Mestrado Profissional). Sustentabilidade junto a Povos e Territórios Tradicionais, Universidade de Brasília.
- KWANHÂ XERENTE, João (2020). *Warã: Comunicação e Educação Akwê Xerente*. Dissertação (Mestrado). Comunicação e Sociedade. Universidade Federal do Tocantins.
- KARAJÁ, José Hani (2015). *As madeiras e seus usos no universo sócio-cultural Iny*. Dissertação (Mestrado). Ciências do Ambiente. Universidade Federal do Tocantins.



KRAHÔ, Creuza Prumkwỳj (2017). *Wato ne hômpu ne kãmpa- Convivo, vejo e ouço a vida Mehi (Mãkrarè)*. Dissertação (Mestrado). Centro de Desenvolvimento Sustentável, Universidade de Brasília, Brasília.

KRAHÔ, Renato Yahé (2017). *Proposta do Projeto Político Pedagógico da Escola Estadual Indígena 19 de Abril*. Dissertação (Mestrado). Letras, Universidade Federal do Tocantins, Araguaína, Tocantins.

KRENAK, Ailton (2019). *Ideias para adiar o fim do mundo*. São Paulo: Companhia das Letras.

RIBEIRO APINAJÉ, Júlio Kamêr (2019). *Mẽ ixpapxà mẽ ixàhpumunh mẽ ixujahkrexà: território, saberes e ancestralidade nos processos de educação escolar Panh*. Dissertação (Mestrado). Antropologia. Universidade Federal de Goiás.

ROLNIK, SUELY (2005). Subjetividade Antropofágica in LINS, DANIEL (org). *Razão Nômade*. Rio de Janeiro: Editora Forense Universitária, p. 89-109.

SUMEKWA XERENTE, Valcir (2020). *Conhecimentos Akwê e conhecimentos científicos ocidentais sobre meio ambiente e interações das espécies da fauna. Um estudo na interdisciplinaridade e interculturalidade*. Dissertação (Mestrado) Ciências do Ambiente, Universidade Federal do Tocantins.

XERENTE, Edimar Srênôkrã Calixto Xerente (2017). *A Educação intercultural na escola Wakômekwa: perspectivas e desafios*. Monografia (Graduação). Licenciatura em Teatro, Universidade Federal do Tocantins, Palmas, Tocantins.